

**Transcrição da entrevista concedida ao pesquisador Célio Moacir dos Santos, pelo Sr. Frederico Bussinger no dia 29/09/2022 (Autorizado para publicação)**

**Pergunta: Poderia compartilhar algumas de suas lembranças sobre sua mãe, Nicéa Bussinger, e sua contribuição para a educação no Espírito Santo?**

Quando minha mãe veio para o Espírito Santo e ingressou na universidade ela ainda não era federal: era ainda, estadual. A federalização só veio a acontecer, eu acho, na década de 70, não sei ao certo. Para tanto me lembro que houve campanhas, abaixo assinado; época em que eu era adolescente.

Nós chegamos ao ES, vindos de MG, em 1957. Papai veio organizar a Inspetoria Seccional do ensino Secundário – MEC. Na época só havia 49 escolas no Estado. Quando ele deixou a Inspetoria, no início dos anos 70, salvo engano, o Espírito Santo já tinha algo como 350 escolas mais ou menos. Essa expansão enfrentou um problema seríssimo que era a formação de professor: não existia muitos professores, principalmente de matemática.

Nesse período entrou em vigor a Lei de Diretrizes e Bases da Educação na década de 60, que deu novos contornos à educação. Havia no ministério da educação a CADES, que era Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário. Os cursos da CADES funcionavam da seguinte forma: eram realizados em janeiro e julho, de forma intensiva, com 8 horas de aula por dia durante o mês inteiro, inclusive aulas também aos sábados. Vinham professores do Brasil inteiro. Então os professores que estavam nas faculdades de São Paulo, Ceará, Pernambuco e Bahia, nas férias vinham dar o curso. E mamãe deu o curso em Vitória e fora também, como em Carangola, Ubá e em outros lugares, assim como no Piauí também.

Bom e esses cursos traziam professores conhecidíssimos e aqui em Vitória era dado em na Escola Normal, em frente ao palácio. E eu me lembro que quando já era jovem, datilógrafo, cheguei a trabalhar como secretário desses cursos. Os alunos vinham para Vitória de todo o Estado e ficavam hospedados.

Tínhamos uma convivência bastante grande. Era coisa de 300 professores, 500 professores: muita gente. Havia aulas de pedagogia, que era comum pra todo mundo. Depois, para cada disciplina, como matemática, havia curso de conteúdo e de didática. Ao concluir o Curso da CADES, as pessoas obtinham o certificado, mesmo sem ter curso superior, e passavam a ser professores do ginásio. Depois teve uma fase que deu um passo a mais nessa programação, quando a expansão cresceu muito rapidamente no final dos anos 60: começou a haver um ensino que hoje é chamado de EAD. Bem, eu é que estou chamando de ensino à distância. Na verdade era o seguinte: nas férias tinham aulas presenciais, enquanto nos outros meses do ano recebiam uma apostila, tendo que mandar as atividades a cada 15 dias. Isso ia sendo distribuído e postado no correio e os caras mandavam as provas. Então, tinha um fluxo de documentos muito grande, pois não tinha internet. Era o correio que entregava. Então eu me lembro que tinha uma mesa cheia de materiais, que tinha que corrigir para devolver para eles, era um trabalho inimaginável. (...)

O nome era Inspetoria Seccional, que contava com inspetores que tinham que visitar as escolas, não é, mãe. A senhora tinha que ir nas escolas de quanto em quanto tempo? Era uma vez por mês? É, era uma vez no mês eu acho. Acho que tinha uns doze ou quinze inspetores, tinham o senhor Ernani Prata, era um dos inspetores, tinha também a Clícia Siqueira, Dr. Cortes. Me lembro, também, que papai ia nas escolas do interior, tínhamos uma Rural Willys, preta, para convencer os profissionais de outras áreas a darem aulas. P.ex um contador dava aula de matemática, um padre dava aula de português (...). Então eles pegavam esses caras para dar aulas. Eles faziam esse ensino a distância e nas férias eles se concentravam aqui em Vitória (...) Aqui, tem duas coisas que podem ser útil pra você, que é o seguinte: no curso da Cades, no final, havia uma brincadeira, depois de terminar o curso, o pessoal fazia um teatro com o seguinte o título: como ser um perfeito mau professor. O cara precisava dar uma aula ruim, tá certo? E aí era uma coisa assim muito divertida.

Por exemplo, uma coisa que mamãe ensinava era, que tinha que dividir o quadro ao meio. A senhora lembra que tinha aquele cara que escreveu no

quadro de um lado a outro sem dividir? (...). Outra coisa interessante, que inclusive eu ajudava, era fazer a leitura das provas. Me, lembro bem, eu era mais jovem, e tinha uma questão que era recorrente nas provas de Didática. Se você achar alguma prova, muito provavelmente você vai encontrar essa pergunta: “justifique o conceito”. Aí era enunciado um conceito qualquer e o cara tinha que fazer a justificativa desse conceito. E tinha um conceito que ela usava que era frequente nas provas o seguinte: “*o professor não ensina, ele ajuda o aluno a aprender*”; conceito, pelo que ouço, atualíssimo. Apesar de ser prova de Matemática, como era Didática, os alunos tinham que escrever muito, e bem (...). Então estava sempre presente. Na época eu era adolescente mas sempre participava... Havia uma coisa que ela fazia conosco que era o seguinte: nós estudávamos à tarde e de manhã ela botava os filhos para estudar português. Aliás, ela também nos dava aula de português (era muito boa de português). A gente tinha que fazer toda a manhã uma redação, um ditado e também fazer uma bateria de exercícios de Matemática. E isso era todo dia. Outra coisa pra você é o seguinte: uma das coisas que ela ensinava, uma das coisas que ela batia muito na tecla, era um método que ela recomendava para aula, para relatório e para textos, algo que adotei, uso e propago isso até hoje. É o seguinte: “*do sincrético, pelo analítico até o sintético*”, essa era a lógica. Assim as aulas acabavam ganhando corpo por conta disso: ela começava aquilo que é muito de Paulo Freire, as aulas começavam a partir do que o aluno sabe que é o sincrético. Depois o núcleo da aula era o analítico. E depois partia para o sintético. E isso era adotado na aula, no relatório, no texto. Na prática, o texto começa do geral, do mais abrangente; em seguida ele processa, ele analisa as informações e acaba com uma síntese com uma conclusão.

Então essa era a metodologia básica que ela utilizava e eu utilizo, eu escrevo dessa maneira. Inclusive eu escrevo periodicamente para jornal ou revistas e adotei esse como método pessoal. Esse era um dos métodos que o aluno de mamãe usava para justificar o conceito na hora da prova. “*Do sincrético, pelo analítico, ao sintético*”, essa era a palavrinha chave. Outra coisa que me parece interessante, que me lembro da época e deve estar registrado em livro, evidente, não foi criação dela, mas que ela adotou em suas aulas e usava

muito: a aula era organizada para 50 minutos, não é isso mãe? Eram 50 minutos de aula. E quando era que o aluno prestava atenção na aula? Havia uma curva, um gráfico: me lembro que era uma curva que começava baixa, os alunos começavam dispersos e o professor precisava prender a atenção dos alunos. Depois crescia, digamos, dos 5 aos 25 minutos. Na sequência, em torno dos 30 minutos, ele começava a perder a atenção. Era quando, tinha que ter uma nova rodada de motivação depois dos 30 minutos para voltar a prender a atenção dos alunos, pra conseguir levar a aula até o final. Havia um desenho disso aí e certamente alguém pesquisou sobre isso: se achar te encaminho. Eu imagino mãe na época quando a senhora dava aula não tinha celular né, e ainda tinha dificuldade de prestar atenção na aula, imagina hoje mãe e em matemática ainda, que tem que ter atenção, imagina mãe...”.